



**“Você sabe ensinar, sim!”  
Experiência, narrativa e (auto)formação**

“Yes, you know how to teach!”  
experience, narrative and (self)training

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília

**Resumo**

O artigo contempla aspectos de uma investigação arqueológica de si, com ênfase no campo autobiográfico e narrativo, explicitando lembranças emblemáticas que impulsionaram o interesse pela docência em artes visuais. Evoca experiências presentes no processo de (auto)formação subjetiva, suscitando reflexões acerca dos caminhos percorridos durante a época de escolarização. A pergunta que impulsionou a produção desse movimento de escrita corresponde ao momento de enunciação da frase “Você sabe ensinar, sim!” proferida pela Professora Sueli Rezende, no contexto formativo da antiga quarta série do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** experiência, narrativa, (auto)formação, docência, artes visuais.

**Abstract**

The article reflects about an archaeological investigation of oneself, with a focus on the autobiographical and narrative fields, explaining iconic memories that boosted the interest in visual arts teaching. It evokes experiences present in the process of subjective (self)training, raising reflections about the pathway travelled during the time of schooling. The question that propelled the production of this writing movement corresponds to the occasion of enunciation of the sentence “Yes, you know how to teach!” uttered by Teacher Sueli Rezende, in the school context of the former fourth grade of elementary school.

**Keywords:** experience, narrative, (self)training, teaching, visual arts.

Enviado em: 31/05/18 - Aprovado em: 17/07/18

**Apresentação: o caminho [narrativo] das lembranças**

O texto apresenta aspectos que fizeram parte de uma investigação arqueológica de si, com ênfase no contexto autobiográfico e narrativo, explicitando o interesse de vasculhar no íntimo das minhas lembranças quais foram os elementos simbólicos que impulsionaram o meu percurso pelo campo da arte e da docência. Nesse sentido, a escrita objetiva um movimento de proposta para o dossiê “Narrativas afetivas de professores de artes: experiências poéticas e educação docente”, e visa dialogar com o mesmo, sobretudo, ao

considerar especificamente a narrativa de um determinado episódio vivido na época de escolarização. O episódio refere-se ao momento de enunciação de uma frase proferida pela Professora Sueli Rezende: **Você sabe ensinar, sim!**, no contexto de formação da antiga quarta série do ensino fundamental e que determinou desdobramentos para pensar sobre a minha prática docente. A enunciação da frase tornou-se expressivamente contundente para o repertório (auto)formativo acerca da minha constituição subjetiva como professor. Tal episódio foi determinante para significar o professor que sou hoje, inclusive, para definir naquele momento de formação e de infância, quais seriam os caminhos escolhidos por mim que despertariam o desejo e o afeto pela docência em artes.

### **Episódio narrativo**

*Estudei com a Professora Sueli Rezende na terceira e na quarta série. Professora veterana na escola, ela acompanhou o meu percurso escolar desde as dificuldades iniciais, quando enfrentei os inúmeros transtornos e frustrações com o ingresso no mundo da escola, especialmente nos primeiros anos de escolarização, até o momento em que fui admitido para a terceira série. Nesse movimento, da segunda para a terceira série, compreendi que através das lentes de um par de óculos aquele mundo poderia fazer sentido, principalmente, ao oferecer oportunidades que eu não encontrava no mundo de casa.*

*Satisfeita com o meu avanço nos estudos, a Professora Sueli acompanhava cuidadosamente o meu desenvolvimento escolar, estimulava-me sempre a usar os óculos e não deixar de fazer o exercício de casa. O meu caderno ficou repleto de elogios, tanto pela letra caprichada, quanto pelo esforço em responder todas as questões dos exercícios de casa.*

*Nessa época, eu já estava entre os onze e doze anos de idade, devido ao atraso ocasionado pela repetição das primeiras séries. Comecei a compreender com mais facilidade e "nitidez" o que era ensinado pela professora. Fazer o dever em sala de aula e o exercício de casa passou a ser uma diversão. Minhas notas eram boas, destoando completamente da minha experiência inicial e do modo como me relacionava anteriormente com o mundo da escola. Certo dia, a Professora Sueli, após dar o visto no meu caderno, sempre com palavras elogiosas de carinho e afeto, chamou-me a sua mesa e pediu que eu fosse para a frente da turma e explicasse para os meus colegas como estudar.*

*Fiquei em pânico e disse que não sabia fazer isso. A professora Sueli argumentou:*

**-Você sabe estudar, sim!** *Caso contrário não teria boas notas em todas as matérias. Deve ter algum modo particular para fazer isso.*

*Argumentei que eu não sabia explicar como estudava, apenas estudava! De nada a minha explicação adiantou. A professora insistiu novamente, levando-me para a frente da turma e dizendo enfaticamente:*

***-Você sabe ensinar, sim!** Explique para os seus colegas. Não é justo você ficar com esse segredo guardado só para você.*

*Não tive outra saída, fui para a frente da turma com as bochechas rosadas de vergonha e expliquei para os colegas que eu sempre estudava em casa logo que chegava da escola. Fazia o dever duas vezes para ter certeza que estava bem feito. Além disso, falei para os colegas que gostava de estudar porque assim podia ver o desenho das letras e dos números surgindo no espaço branco da folha.*

Este episódio narrativo descreve uma experiência vivida no mundo da escola, que ficou retida em algum lugar do meu inconsciente por muito tempo. Segundo Freud (1996c), no artigo "Construções em Análise", recordar certas experiências e os impulsos afetivos que elas trazem à tona é invocar, no presente, elementos que o sujeito esqueceu. O autor salienta, ainda, que esses sintomas e inibições, são consequências de repressões que se constituem ao substituir experiências vividas que o sujeito olvidou. No entanto, acrescenta, o trabalho de recuperação das lembranças pode vir através de fragmentos em sonhos ou, quando o sujeito se entrega a "associação livre" e produz ideias que podem fazer alusão às experiências reprimidas, derivadas de impulsos afetivos recalçados (FREUD, 1996b). Imbuído do espírito dessa escavação arqueológica de si e motivado pelos acontecimentos e episódios que marcaram minha história como sujeito, saliento que a busca de caminhos que reportassem minha inclinação para a docência tornou-se um desafio. Algo que possibilitasse na memória, o reconhecimento de experiências que, talvez, enunciassem uma maneira de explicar o desejo que me fez perseguir o caminho da docência. O episódio narrado, como tantos outros não estão isolados, produziram movimentos, consonâncias e reciprocidades, permeando situações e narrativas que se tornaram decisivas na minha história de vida.

O processo de reviver um momento que ficou, de algum modo, preso por muito tempo na memória, é uma maneira de gerar ou reelaborar relações afetivas. Nesse contexto apontado por Freud (1996b) a respeito do deslocamento das lembranças, reforço que foi através do processo de análise que recuperei determinadas lembranças e impressões significativas relacionadas com a época de infância. Um movimento que prescindiu atentar para questões pertinentes reclusas no tempo da memória, mas, que diziam respeito ao afeto e as boas recordações de uma época determinante para minha (auto)formação

subjetiva. Esse movimento de atenção para com a vida compreende justamente a significação dessa vida, por que “na memória, a pessoa realça e acentua os momentos de sua vida que foram experimentados como significativos, ao passo que os outros caem no esquecimento” (DILTHEY, 2010, p. 245).

Recordei-me dessa passagem do mundo da escola quase no final da escrita da tese de doutorado<sup>1</sup>. Tenho a sensação de que a lembrança dessa experiência estava a minha espreita, aguardando o momento oportuno para vir à tona, enunciando uma possibilidade de compreensão para uma questão que acompanhou-me durante o percurso de vida: como e por que tornei-me professor de artes visuais? Esta inquietação emerge, principalmente, do meu histórico familiar, das dificuldades na transição entre o mundo da casa e o mundo da escola, gerando situações e questões que, de alguma maneira, nortearam o meu interesse por vasculhar os meandros do inconsciente.

Cabe pensar que, ao escrever este episódio pela primeira vez, num flash de recordação, repentino e momentâneo, não me dei conta de um detalhe sobre o qual pude me deter posteriormente. A professora Sueli, ao insistir pela segunda vez para que eu fosse para a frente da turma explicar meu segredo de estudo, disse: **“você sabe ensinar, sim!”**, em vez de **“você sabe estudar, sim!”**. O efeito produzido inconscientemente pela fala da professora ao substituir o verbo estudar pelo verbo ensinar, em um momento decisivo da minha vida escolar, criou um registro ocasional sobre uma escolha que se tornou determinante na minha formação como sujeito. Ao tomar consciência desse detalhe, me questionei se a escrita teria sido modificada pelo impacto da pressa ao escrever, ocasionada pela ansiedade de garantir o registro. Contudo, ao refletir cuidadosamente sobre este processo subjetivo de escavação e análise, reconheço que reminiscências presentes no inconsciente são marcantes e decisivas, principalmente, quando surgem no fluxo de lembranças, memórias e recordações que estão em processos de construção.

Ao refletir sobre as lembranças da infância, das memórias presentificadas no mundo da escola e das narrativas construídas a partir daquilo que foi vivido e experienciado, percebo quão importante foi o processo (auto)formativo que me constituiu e, ainda reverbera sentidos em minha tessitura subjetiva. A escrita de tal episódio, nessa perspectiva, imbricou-se num processo permanente de rememorar, de deixar vir à tona algo que completa o sujeito e permite à compreensão de situações, de histórias, de momentos e episódios guardados na memória. Nesse sentido, considero que o “[...] ato de narrar tem como propriedade o estabelecimento de percepções confiáveis da memória” (GINZBURG,

---

<sup>1</sup>Tese de Doutorado intitulada: Mo(vi)mentos Autobiográficos: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais.

2012, p. 116). Nesse aspecto, considero que a atitude da professora Sueli foi decisiva no sentido de me fazer compreender, mesmo que intuitivamente naquele momento, que o mundo da escola poderia representar uma perspectiva.

### **Sentidos de uma enunciação provocadora**

Qual o valor de uma palavra? Que atribuição simbólica podemos conferir para determinada expressão? Quando uma palavra é trocada por outra, qual o sentido e o significado que a mesma poderá adquirir no curso da vida de um sujeito. Ao apontar no título desse artigo uma questão emblemática que fez parte de uma experiência de escolarização, interrogo-me para questionar a força desta revelação no decurso da minha história de vida.

Algumas inquietações acerca do episódio transitam ainda hoje nas minhas especulações provisórias, pois mesmo tendo feito um esforço de elaboração das questões que foram relevantes na minha (auto)formação subjetiva, ainda produzo questões: Quais os efeitos simbólicos que podem residir em uma frase dita pela professora em determinado momento da vida escolar? Quais seriam as consequências, para além da função docente, de uma enunciação simbólica que me autorizaria a ensinar os demais colegas da sala de aula? Quais os efeitos subjetivos que essa experiência da época escolar poderia ter nas futuras escolhas da minha vida?

Desde o momento em que surgiu a recordação desse episódio singular da minha infância, sou levado a pensar nas razões que determinaram o ato falho da Professora Sueli. Quando reporto-me ao ato falho estou partindo do princípio que “pode acontecer, por exemplo, que uma pessoa que tenciona dizer algo venha a usar, em vez de uma palavra, outra palavra (um lapso de língua [*Versprechen*])” (FREUD, 1996a, p. 35). Desse modo, Freud alerta que existe um lapso de língua nessa intercorrência do pensamento e da fala, presente nos comportamentos do cotidiano. No caso específico da Professora, o seu cotidiano era sempre atribulado, com muitos alunos em sala de aula e sempre com demandas para atender as particularidades.

Hoje, ao pensar sobre o episódio, entendo que ao tencionar dizer a palavra **explicar**, que era comumente usada durante o ano letivo, quando solicitava minha ajuda aos demais colegas, a Professora Sueli constrói um outro referente para a palavra explicar. Pois, ao dizer a palavra **ensinar** sem perceber o seu ato falho, ocorre um deslocamento de sentido, colocando o sujeito (que escuta) em uma determinada posição. Inclusive, pode-se mensurar que, ao produzir um “erro” na sua enunciação de fala, quando sua real intenção era falar outra palavra, ocorre uma mudança de sentido no próprio pensamento daquele que enuncia. Entretanto, cabe apontar que para a psicanálise, de fato não houve um erro,

mas sim um desejo do inconsciente que foi realizado através do ato falho. Esse processo, entendido como um erro, acontece mediante ao seu conteúdo (ou desejo) inconsciente ser desconhecido ao próprio sujeito, ou seja, no entendimento da Professora Sueli, ao convocar-me para ajudar em sala de aula, o seu pensamento transitava entre aquele que explica e ensina. Entretanto, no aspecto subjetivo do pensamento, sou colocado na dimensão daquele que pode “ensinar”, justamente por apresentar predicados que sustentariam essa função. Vygotsky (2003) aponta em seus estudos sobre arte, psicologia e educação, que existe uma intrincada relação entre as palavras e a emoção. Enfatiza que as mesmas podem agir sobre nós quando pronunciadas com sentimento, talvez, seja esta a dimensão que o ato falho tenha provocado. Uma dimensão de sentimento, de autorização que naquele momento inferia em mim um caminho pela docência.

O deslocamento de sentido atribuído ao referente da palavra ensinar, possibilitou *a posteriori*, significativa relevância da função de professor escolhida por mim. Essa perspectiva arregimentou importantes estruturas que permitiriam a construção de um *corpus* de conhecimento. Quando refiro-me a esta possibilidade, estou cogitando que no campo da relação existente entre professora e aluno, havia um outro significante que determinaria uma reciprocidade, quase uma cumplicidade que residia na dimensão do afeto e da admiração. Essa reciprocidade acontecia, tanto pela dedicação que na condição de aluno eu importava para o mundo da escola, como pela admiração em relação ao trabalho dedicado da professora, especialmente, quando me lembro dos incentivos, das palavras de carinho, afeto e encorajamento.

Essa experiência com o afeto foi determinante para compreender o que sou hoje, particularmente para à constituição de uma tessitura subjetiva, como também, para significar de modo particular o exercício da docência. O afeto foi o elemento que produziu compaixão e discernimento acerca daquilo que experimentei no mundo da escola, especialmente, quando esse mundo da escola passou a fazer sentido.

### **Experiências (auto)formativas**

As lembranças de infância, em especial da época de escolarização ficaram impregnadas na minha tessitura subjetiva. Quando rememoro as situações e os contextos vivenciados tenho a impressão que os mesmos permanecem latentes, alimentados por uma força de pensamento que, simbolicamente, estruturam perspectivas para a prática docente. Nesse aspecto, penso na linguagem como uma estrutura que organiza a própria vida, justamente pela possibilidade narrativa presente nos fatos, episódios e situações vivenciadas no cotidiano. “Com a linguagem [da narrativa] somos capazes de imprimir sentidos que, por serem provisórios, refletem a essencial transitoriedade da própria vida e de nossa

existência histórica” (JOBIM e SOUZA, 1994, p. 21). Nesse contexto, apontado por Jobim e Souza, considero relevante pensar que o campo da linguagem e da narrativa perpassa sentidos para além daquilo que foi experienciado. A linguagem como produtora de registros e enunciações permanece no mundo e também no sujeito, relacionando-se com intensidade narrativa no que tange aos afetos e experiências. Por tal razão, não desconsidero as inúmeras experiências que foram percorridas durante os diferentes processos de formação. De algum modo, a experiência constitui impressões e registros que foram acumulados durante os caminhos percorridos pelo sujeito. Nesse caminho, acredito que tanto o processo de formação escolar, condicionado com os espaços instituídos tradicionalmente, como o processo compreendido a partir de questões (auto)formativas, estão intrinsecamente relacionadas com as camadas de uma história de vida que escrevemos cotidianamente.

Nesse processo de pensar sobre aquilo que vivenciamos no cotidiano, com o intuito de exprimir em cada fato, episódio, acontecimento ou fragmento das relações sociais uma perspectiva formativa, somos imbuídos por um desafio constante: “[...] a articulação entre o significado objetivo dos fatos e a riqueza com que eles completam e, ao mesmo tempo, refletem uma compreensão do homem na perspectiva das suas relações [...]” (JOBIM e SOUZA, 1994, p. 25). Desse modo, a articulação entre aquilo que foi experienciado no contexto das relações sociais, seja no mundo de casa ou no mundo da escola, amplia o leque para considerar que a vida se constitui a partir das possibilidades de interação. Acentua uma possibilidade permanente de configuração de um percurso processual e dialógico de sentidos, percepções e nuances que ensejam e caracterizam essa construção na qual a vida é escrita e reescrita continuamente. Para Dilthey (2010), o movimento advém do estímulo e, portanto, não posso desconsiderar que o episódio narrado potencializa esse estímulo que, conseqüentemente, passa a fazer parte da escrita da vida. O estímulo provoca, inquieta e faz surgir o meu interesse pela experiência, aqui ampliada para pensar como a experiência possibilita o processo de (auto)formação subjetiva. Uma (auto)formação capaz de ajuizar as próprias descobertas, os sentidos encobertos que poderia desvelar, instigando-me continuamente a (re)pensar trajetórias, escolhas, posturas e episódios que tiveram profundo significado no decorrer da minha vida.

### **O campo da pesquisa narrativa**

Pensar o campo da pesquisa autobiográfica através das narrativas representa uma possibilidade elucidativa de reflexão em torno das heranças, continuidades e rupturas que a vida oferece ao sujeito. Representa também o conhecimento sobre a vida que surge da interação dinâmica entre o sujeito e sua percepção de si no mundo, em diferentes tempos e espaços (auto)formativos.

A operação realizada no campo da pesquisa narrativa é verdadeiramente um trabalho, mediante nossa vivência e sobre nós mesmos, “que consiste em transformar, em mudar de um estado para outro, no caso, de dar forma de história a nossa existência e nossa experiência, a partir de um estado informe” (DELORY-MOMBERBER, 2011, p. 341). Nessa perspectiva apresentada pela autora, posso dizer que, “entendemos o mundo de forma narrativa, como fazemos, então, faz sentido estudá-lo de forma narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 48). Desse ponto de vista, compreendo que o entendimento dos diferentes mundos em que transitamos, fazendo alusão em especial ao mundo da casa e ao mundo da escola, se faz presente no modo como narramos os episódios que tangenciam o campo da experiência. Passamos a ocupar um espaço privilegiado, porque somos os relatores de nossa própria vida, onde a narrativa cede lugar para conceber uma história de vida. Ainda, segundo o pensamento de Delory-Momberger (2011, p. 341):

pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida.

O apontamento dos autores remete para uma questão determinante acerca do contexto da narrativa, ou seja, coloca como pano de fundo para entender como o processo de pertencimento ao mundo ocorreu, pois “não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341). Partindo dessa questão, a narrativa então, pode ser aludida numa dimensão dialógica e polifônica da própria linguagem (BAKHTIN, 2004), onde expressa características implícitas vivenciadas no tempo e espaço de cada experiência. Experiência que pode ocasionar em questionamentos, numa dimensão, inclusive, retrospectiva da própria vida, desvelando aspectos íntimos do próprio sujeito.

As narrativas são infinitas em sua variedade de expressão. Encontramos narrativas em todo lugar, elas apontam a experiência humana em sua dimensão com o mundo e com a vida, porque “parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal” (JAVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 91). De acordo com os autores, é através da narrativa que as pessoas lembram, colocando sua experiência em uma sequência, ou mesmo, colocando sua experiência em possíveis episódios marcantes. A partir dos acontecimentos, constroem histórias que implicam estados intencionais que aliviam ou



tornam familiares determinadas situações ou sentimentos que confrontam a vida cotidiana. Para os autores, a narrativa representa uma necessidade, independente da sua referência. A narrativa parte de aspectos da realidade, entendida numa perspectiva universal, que trata da história de vida dos sujeitos, imersos em realidades e mundos particulares e diferentes. Reside numa tentativa de reflexão acerca de situações e experiências vividas no decorrer dos tempos e espaços da vida.

As experiências afetivas inscritas na existência do sujeito, remetem às questões formativas perante a própria vida e a formação, especialmente quando estas estão atreladas ao processo da narrativa e da autobiografia como vertentes para pensar o sujeito em formação. De acordo com Delory-Momberger (2011, p. 337), “a narrativa de vida continua a ser vista como um percurso orientado e finalizado, pelo qual o narrador retraça a gênese do ser no qual se tornou”. Ao conectar experiências, memórias e afetos, estou rememorando experiências à luz de concepções autorreflexivas que têm provocado desdobramentos em minha história de vida e, conseqüentemente, levam-me a considerar os percursos traçados em busca de um conhecimento de si.

Assim, a perspectiva teórica da pesquisa narrativa abre caminho promissor para construir subsídios, mediante uma história que surge pela narrativa que conta uma vida. A pesquisa narrativa, ao abrir espaço no campo da vida, desvela fragmentos da memória capazes de iluminar situações reais vividas na prática cotidiana. Os “fragmentos narrativos” (CLANDININ; CONNELLY, 2011), servem para expressar opiniões e narrar determinados momentos, episódios, circunstâncias da própria trajetória. Momentos pontuais, porém, repletos de sentidos e significados ao revelarem desejos, marcas e demandas próprias da vida contemporânea.

### **Considerações finais**

A escrita do presente texto admitiu o reencontro com questões norteadoras vividas durante a investigação que compreendeu uma arqueologia de si. Ou seja, o encontro com os escritos que foram decisivos no momento em que o campo da narrativa e da autobiografia foram apresentados e recebidos com entusiasmo. Nesse campo, residiu e ainda reside uma abertura conceitual e metodológica capaz de arregimentar questões singulares relacionadas com a minha tessitura subjetiva. Essa perspectiva de pesquisa levou-me a refletir sobre a compreensão acerca da vida e da dimensão da (auto)formação, conferindo um conhecimento que desvelou o sentido da docência. Um modo de conhecer hermenêutico que, ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento das coisas, também proporciona um saber sobre nós mesmos (SOUZA; FORNARI, 2012). Tal conhecimento ganhou espaço e venceu fronteiras para além da percepção visível dos fatos que envolvem

minha história de vida. Foi preciso um mergulho nas profundezas da memória para elucidar lembranças, afetos, experiências e questões que estavam submersas. Trazer à tona uma gama de elucidacões representou um desafio. Foi um resgate das “coisas [ ] enterradas no fundo do rio da vida. Na maturidade, no acaso, [e também pelo esforço de elaboracão] elas se desprendem e sobem à tona, como bolhas de ar” (CAMARGO, 2009, p. 14). Essas “bolhas de ar” desprendidas das amarras do inconsciente, são as peças, os episódios, as experiências que influenciaram minha história pessoal, minha autobiografia e o meu cenário de narrativas, onde estão presentes as pessoas que fizeram parte da minha vida. E aqui, registro minha homenagem a Professora Sueli Resende, que com delicadeza e afeto proferiu uma palavra que me projetou para o lugar que ocupo hoje: à docência em artes visuais.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico nas Ciência da Linguagem. Tradução: Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

CAMARGO, I. **Gaveta dos guardados**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CLANDININ D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Revista em Educação**: Belo Horizonte, v.27, n. 01, p. 333-346, abril, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf>> Acesso em: 10 out. 2017.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução: Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FREUD, S. Conferência II – Parapraxias. In: \_\_\_\_\_. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Partes I e II) (1915-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996a [1900], p. 35-66. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XV).

FREUD, S. Lembranças encobridoras [1899]. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b [1893-1899], p. 285-304. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. III).

FREUD, S. Construções em análise I e II [1937]. In: \_\_\_\_\_. **Moisés e o Monoteísmo**, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996c [1937-1939], p. 273-287. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII).

GINZBURG, J. A interpretação do rastro em Walter Benjamin In: SEDLMAYER, S.; GINZBURG, J. (Org.). **WALTER BENJAMIN: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 107-132.

JAVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 90-113.

JOBIM e SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

SOUZA, E. C. de.; FORNARI, L. M. S. Memória, (Auto)Biografia e Formação. In: VEIGA, P. A.; D'ÁVILA, C. M. (Org.) **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p. 109-134.

YOGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução: Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

---

<sup>i</sup> Doutor em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, área de concentração em Arte, Cultura e Visualidades na Linha de Pesquisa: Culturas da Imagem e Processos de Mediação com a tese: MO(VI)MENTOS AUTOBIOGRÁFICOS: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense no Campo de Confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura (2008), com enfoque no estudo do conceito de subjetividade e linguagem a partir da imagem fotográfica publicitária. Graduação com Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996). Lecionou Artes Visuais e História da Arte nas redes municipal e estadual do Rio de Janeiro no período de 1998 a 2009.

Atualmente é Professor na Universidade de Brasília, lotado no Instituto de Artes/Departamento de Artes Visuais. Experiência na área de Arte/Educação, com ênfase no Ensino de Artes Visuais, principalmente, no processo de ensino e aprendizagem da

---

Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos. Interesse de pesquisa nos seguintes temas: Arte e Imagem Fotográfica, Arte/educação Contemporânea, História de vida, Narrativas, Currículo, Cotidiano e Formação e atuação docente

Como citar esse artigo:

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. "Você sabe ensinar, sim!" Experiência, narrativa e (auto)formação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 192-203, mai./ago. 2018.